

# 1 Introdução

“Estude, minha filha, pois o estudo é o bem mais precioso que alguém pode ter. A pessoa pode perder a casa, o dinheiro, tudo... mas o estudo ninguém vai tirar de você.”

Maria Salomé de Oliveira – minha avó

A epígrafe acima figura como um enquadre (Goffman, (2002, [1979]) bastante personalista para a pesquisa desenvolvida por mim ao longo do curso de Doutorado em Estudos da Linguagem na PUC-Rio, sob orientação da professora Liliana Cabral Bastos. Ao mesmo tempo, trata-se de uma singela homenagem a Maria Salomé de Oliveira, uma senhora de 92 anos que, com suas narrativas e ensinamentos, continua deixando um legado de valores fundacionais na minha trajetória de vida. Sempre ouvi suas histórias sobre o Rio Grande do Norte, sua terra natal, com muito apreço, o que me conferiu um forte senso de identidade familiar atrelada às suas raízes regionais. Seus aconselhamentos serviram de trilha para os passos adiante e, ainda hoje, são sinônimos de alento e esperança face aos dramas da vida cotidiana. A epígrafe que inicia este trabalho corresponde ao mais emblemático dos ensinamentos de Maria Salomé de Oliveira (ou, simplesmente, minha avó). Nordestina e detentora de escassos recursos materiais, migra com a família na década de 1960 para o Rio de Janeiro, onde estabelece residência no município de São João de Meriti, na Baixada Fluminense. Analfabeta, sempre reconheceu na educação formal uma maneira de “melhorar de vida”. Com frequência relatava ser sua maior tristeza não saber ler e escrever, e isso sempre servia de argumento para a defesa desse *ethos* (Geertz, 1989) particular. Era como se dissesse: estude, e seja feliz. Ou: estude, e eu serei feliz por causa da tua felicidade. O estudo me era apresentado como um “bem precioso” que propiciaria uma mudança significativa de vida. Tendo minha avó (e outros membros de minha família) já passado por tanta dificuldade e escassez material, a redenção das gerações mais jovens residiria na aquisição de bens simbólicos: o estudo, nesse caso, figura como posse real e duradoura que possibilitará o alcance de melhores

condições de vida. Em outras palavras, o estudo é apresentado como caminho para a ascensão social, para a aquisição de um novo e melhor *status*.

As palavras de minha avó, de alguma maneira, constituem os passos iniciais do percurso investigativo que será aqui apresentado. Considero que esse *ethos* vigente em sua fala perpassa as trajetórias de muitos outros atores sociais que veem a educação escolarizada como possibilidade singular de mudança de vida. Histórias de tantos outros “nordestinos analfabetos” (expressão tomada aqui tanto literal quanto figurativamente) se entrecruzam no universo do que as Ciências Sociais convencionaram chamar de classes populares (Duarte, 1986) e dialogam com outros valores, como aqueles que tipificam as trajetórias mais individualizantes das camadas médias (Velho, 2008 [1975], 2008 [1981], 1994). Gostaria, assim, de circunscrever minha pesquisa como um *entrelaçamento de enredos*. A Baixada Fluminense<sup>1</sup> constituirá o cenário principal para a tessitura dessa trama em que dialogam e co-habitam valores oriundos de universos sociais díspares (pelo menos a um primeiro olhar). A escola da rede federal de ensino onde atuo como professora figurará como palco para a atuação dramaturgicamente de sujeitos sociais que buscam ascender socialmente por meio da educação pública de qualidade. Definidos o cenário, o palco e os atores, considero-me um pouco diretora dessa trama que pretende dar visibilidade a valores e crenças de um grupo social específico que, assim como os membros de minha família, vislumbra ascender socialmente com dignidade e pelo estudo. Gostaria de me apropriar das palavras de Duarte & Gomes (2008), por acreditar que elas, de algum modo, referendam meus propósitos de pesquisa e sintetizam o perfil dos atores sociais que dela participam.

“...este trabalho contribui para a visibilização de núcleos familiares e formas de reprodução que são majoritariamente distantes daquela imagem [da marginalidade e da violência]. Para a maioria dos personagens aqui aportados, apresentar certa “dignidade” moral, apesar das duras dificuldades enfrentadas, parece ser um ponto de honra suademente defendido” (Duarte & Gomes, 2008, p.15).

A metáfora do caminho, da passagem, da travessia, do trânsito ser-me-á bastante interessante para a composição de um cenário que envolve idas e vindas,

---

<sup>1</sup> Ao longo do texto, a expressão “Baixada” também será utilizada como forma reduzida de “Baixada Fluminense”, região sócio-geográfica a ser descrita no item 4.2.

fluxos e contra-fluxos no (per)curso da vida em sociedade, além de impactos e transformações identitárias ocasionadas pela situação de deslocamento (Louro, 2010). Em momentos estratégicos do texto, essa metáfora emergirá para procurar dar conta desse entrelaçamento de enredos ao qual fiz menção no parágrafo anterior. Nos lugares de passagem que são a escola e a Baixada, entrecruzam-se narrativas que fazem emergir atributos socialmente valorizados por esse grupo social particular. No lugar de passagem que é a própria pesquisa, ocorre o encontro de teorias e métodos de tradições investigativas diferentes, como os Estudos Narrativos (Labov, 1972; Bruner, 1997; Riessman, 1993; Bastos, 2005; Linde, 1993) e a Antropologia das sociedades complexas (Velho, 2008 [1981], 1994, 2000; Duarte, 1986). Soma-se a isso o fato de a minha própria história de vida interseccionar-se com os demais enredos que se colocam nesse trajeto.

O percurso dessa trama investigativa inicia-se em dezembro de 2007, quando submeti à avaliação o meu projeto de entrada no Doutorado. Na ocasião, estava eu motivada por outras questões que, em princípio, me pareciam relevantes e dignas de uma investigação sistemática. O interesse, naquela época, era estudar as narrativas de alunos, professores e servidores do corpo técnico-administrativo da Unidade de Ensino Descentralizada (UnED) de Nova Iguaçu do CEFET/RJ (instituição que descrevo na seção 4.3 deste estudo) e verificar em que medida essas histórias constroem um senso de identidade para a instituição. A motivação advinha de tensões vivenciadas por essa unidade escolar naquele ano de 2007, quando culminou um preponderante norte reivindicatório no sentido de se fortalecer um pensamento comum e consolidar uma “identidade própria” dessa unidade de ensino. Havia certo anseio de seus atores sociais em fazer valer um projeto institucional singular que se opusesse, claramente, aos mecanismos totalizadores advindos da unidade sede do sistema CEFET/RJ (descrita nas seções 4.1 e 4.3). Tudo isso, na ocasião, parecia a mim bastante significativo. Recordo-me que, durante a entrevista do processo de seleção para o curso de Doutorado, fui indagada pela banca avaliadora quanto à abrangência do meu estudo e em que sentido seria relevante investigar um contexto tão particularizado. Antes mesmo dessa situação de entrevista, durante o período de contato e primeiras interlocuções com a professora Liliana Cabral Bastos, a mesma sugeriu que eu procurasse ampliar as dimensões do projeto, focalizando a relevância da discussão proposta para o quadro social da Baixada Fluminense. Em outras palavras, desde

o início desse percurso, fui questionada a respeito da abrangência da minha proposta investigativa e em que sentido poderia eu “tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos” (Geertz, 1989, p.19-20). Como todo princípio de percurso, eu não poderia prever que rotas alternativas seriam dispostas à minha frente. O olhar retrospectivo que lanço, hoje, sobre esses episódios localizados temporalmente em 2007 me faz notar que, desde o início da caminhada, já havia pessoas me alertando para os rumos que minha pesquisa tomaria. Entretanto, talvez até pela relativa inexperiência como pesquisadora, não conseguia enxergá-los. Hoje, percebo que, durante o percurso de pesquisa, “as ideias crescem (...) como resultado de nossa imersão nos dados e do processo total de viver” (Whyte, 2005 [1943], p.284).

Ao longo dos quatro anos do curso de Doutorado em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, tive contato com abordagens teóricas e metodológicas ricas em reflexão sobre a dinâmica da vida em sociedade, o papel da linguagem nas interações sociais e a centralidade das narrativas na compreensão do mundo em que vivemos e das nossas marcas identitárias. Impulsionada pelas motivações iniciais do meu projeto de pesquisa e pelas discussões travadas nas disciplinas cursadas semestralmente, busquei uma interlocução mais aprofundada com as Ciências Sociais e matriculei-me, em 2009, em um curso com o professor Gilberto Velho (referência importante no presente estudo) no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, no Museu Nacional (UFRJ). Não se pode desconsiderar, nesse processo, a minha formação anterior, orientada pela Linguística Aplicada e sua proposta indisciplinar (Moita Lopes, 2006) de se criar inteligibilidade sobre o uso da linguagem na vida em sociedade. Decisivo nesse percurso, a meu ver, foi o momento quando comecei a transcrever e a analisar os dados. O mergulho nos dados fez emergir determinados conceitos e categorias que redimensionaram as motivações e propósitos iniciais. Isso, entretanto, não se deu ao acaso ou por um esforço exclusivo meu. Considero que todo processo investigativo é resultado das interlocuções travadas ao longo desse percurso e, nesse sentido, atribuo um papel significativo às conversas com minha orientadora, a professora Liliana Cabral Bastos, e meus colegas do G-NIT (Grupo de pesquisa Narrativa, Interação e Trabalho), primeiras pessoas a quem submeti meus dados à apreciação crítica e que contribuíram sobremaneira para o novo contorno dado ao meu estudo. Destaco, aqui, a privilegiada interlocução com Liana de Andrade Biar, primeira

pessoa a me chamar atenção para a temática da ascensão social nos meus dados e que, continuamente, enriqueceu o trabalho investigativo com seus comentários sempre pertinentes e reveladores. Todos os fatores aqui apresentados foram determinantes para a estruturação de minha pesquisa, sobre a qual discorro agora.

Historicamente, o CEFET/RJ (Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca) tornou-se símbolo de tradição na formação educacional tecnológica (conforme será apresentado na seção 4.1) e incorporou valores associados à noção de prestígio social. O reconhecimento público de seu ensino de qualidade, especialmente no que tange à educação profissionalizante, faz a escola ser procurada por muitos jovens que vislumbram uma possibilidade de conseguir bons empregos ou ingressar no ensino superior por meio de uma boa formação de nível médio-técnico. A unidade do CEFET/RJ aqui estudada localiza-se, entretanto, em Nova Iguaçu, na região sócio-geográfica denominada Baixada Fluminense. O fato de esta unidade escolar estar situada em uma região periférica em relação à capital do Estado do Rio de Janeiro, a meu ver, assume contornos bastante significativos, uma vez que vozes locais são agregadas e outros valores são produzidos. O potencial de transformação social já possibilitado pela educação (Moita Lopes, 2002) adquire, na UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ, uma amplitude maior, visto que interage com um *ethos* (Geertz, 1989) de valorização da educação como meio de ascensão social característico de alguns segmentos das classes populares (Duarte, 1986; Duarte & Gomes, 2008). Assim como os valores construídos nas narrativas de minha avó no seio familiar, acredito que, também, os alunos dessa unidade escolar e suas famílias participam desse mesmo circuito de valores que enxergam na educação uma possibilidade de “mudar de vida” (e para melhor).

A temática da mobilidade social (seja ela ascendente ou descendente) figura, de maneira estelar, nas Ciências Sociais, em especial nas áreas que se debruçam sobre a relação entre cidade, modernização e indivíduo. Com base em métodos qualitativos de pesquisa e na descrição densa e microscópica (Geertz, 1989) de ambientes, sujeitos sociais, rotinas interacionais e sistemas simbólicos, boa parte da pesquisa social tem procurado estudar em que medida a urbanização e os projetos modernizadores das cidades contribuíram na produção de visões de mundo, estilos de vida, hierarquias e mecanismos de diferenciação social. As contribuições das Ciências Sociais, sejam elas teóricas ou metodológicas, são

centrais no meu estudo. Interessa-me investigar em que medida a UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ pode ser concebida como um microcosmo de fenômenos plurais e ambíguos que vêm acontecendo na região da Baixada Fluminense, onde ideais referentes à noção de modernidade projetam e moldam um novo valor de indivíduo, este porém circunscrito em um contexto social marcado pelas trajetórias de classes populares. Creio, porém, ser necessário um olhar mais atento para o modo como esses valores são construídos pelo uso da linguagem. É nesse sentido que reconheço na análise narrativa (Riessman, 1993, 2008) um percurso particularmente interessante para se atingir a perspectiva êmica do nativo (Duarte & Gomes, 2008) tão cara aos estudos antropológicos. A narrativa é, aqui, entendida como um “processo instaurador de realidades sociais” (Fabrício, 2006, p.192), como produções culturais que muito dizem a respeito de nós mesmos. Como aponta Sarup (1996, p.15), “se você perguntar a alguém a respeito de sua própria identidade, uma história logo surgirá. Nossa identidade não está separada daquilo que já aconteceu”. É, portanto, por meio da análise de padrões narrativos de se organizar a experiência social que o pesquisador terá acesso à construção dos valores, dos estilos de vida, dos processos de diferenciação acionados pelo indivíduo e pelo universo social em que está inserido.

O percurso analítico aqui empreendido procurará aliar a descrição densa (via observação participante) da dimensão social ao estudo da apresentação do *self* (Goffman, 2007 [1975]) via padrões narrativos. Nesse sentido é que especial destaque será dado à organização da narrativa e aos dispositivos avaliativos (ou metanarrativos) empregados pelos narradores na construção desses valores e imagens de si. Três questões centrais norteiam o presente estudo:

- a) Que valores e imagens de si emergem nas performances narrativas dos alunos da UnED de Nova Iguaçu?
- b) Como a organização da narrativa (em especial os dispositivos avaliativos – ou metanarrativos) contribui para a construção desses valores e imagens de si?
- c) Em que medida esses valores vinculam-se a um *ethos* de ascensão social via escolarização?

No capítulo 2, procurei situar e historicizar a pesquisa sobre narrativas orais dentro do vasto campo dos Estudos da Linguagem de orientação sócio-interacional. Serão revisadas obras fundadoras no âmbito da Sociolinguística Interacional e da Análise da Conversa (Sacks, 1984) e será apresentada uma teorização crítica mais contemporânea (Bamberg & Georgakopoulou, 2008; Bastos, 2008; Mishler, 2002) que procura deslocar o foco para o significado das histórias que contamos no mundo social, em vez de centrar-se nas propriedades mais estruturais das narrativas. Serão discutidas, também, noções importantes relativas à performance narrativa/identitária (Bauman, 1986; Langelier, 2001), ao gerenciamento de impressões por parte do narrador (Goffman, 2007 [1975]) e à forte imbricação entre narrativa, práticas sociais e construção de identidades (Moita Lopes, 2001; Fabrício & Bastos, 2009). O conceito de performance narrativa/identitária é particularmente relevante no meu estudo, uma vez que assumo o ponto de vista de que, no palco interacional da vida em sociedade, o indivíduo age de modo a transmitir aos seus interlocutores uma imagem de si com base em atributos morais socialmente valorizados. Assim, é por meio do uso de recursos linguísticos formais de performance que o narrador posiciona-se ideologicamente frente aos eventos narrados, abre espaço para sua construção identitária e faz ecoar valores moralmente legitimados de seu meio social. O capítulo ainda destacará os estudos de Linde (2009) e Dyer & Keller-Cohen (2000) sobre narrativas contadas em instituições e sua relação com a tessitura de identidades coletivas. Por fim, situo o próprio ato da pesquisa como uma prática narrativa (Riessman, 1993; Mishler, 2002).

O capítulo 3 apresenta as principais contribuições advindas da Antropologia das sociedades complexas (Velho, 2008 [1981], 1994, 2000; Duarte, 1986) para o desenvolvimento do meu estudo. Questões concernentes às sociedades complexas moderno-contemporâneas (Simmel, 2005 [1903]; Velho, 2008 [1981]) serão contempladas, mormente no que tange à interação entre o indivíduo e a sociedade, bem como às noções de continuidade e ruptura. A vida na cidade, com suas tensões, contradições e marcas de fragmentação e heterogeneidade, promove uma multiplicidade de experiências e hábitos. Assim, assume notoriedade o papel do indivíduo frente a uma sociedade marcada pela coexistência de estilos de vida e visões de mundo. Nesse sentido, as noções de projeto e de mobilidade social merecerão especial atenção, pois em muito contribuem para uma melhor

compreensão acerca do valor do conceito de *ascensão social* no nosso mundo. Em seguida, discutirei os *ethos* tradicionais que caracterizam as culturas das camadas médias e das classes populares, à luz d.a literatura antropológica contemporânea (Velho, 2002 [1973], 2008 [1981]; Duarte, 1986; Duarte & Gomes, 2008; Lamont, 2000). Por fim, focalizo o *status* atribuído à educação como meio de mobilidade social ascendente, buscando um diálogo com a obra de Gilberto Freyre (1936) e discutindo as repercussões dessa ascensão social quando ocorre no seio das classes trabalhadoras.

Já no capítulo 4, descrevo o contexto em que se deu a pesquisa e o aparato metodológico empregado para a confecção da mesma. O contexto é apresentado em três dimensões: primeiramente, situo o percurso da educação profissional no Brasil e sua relação com seu processo de modernização/industrialização; em seguida, caracterizo a região sócio-geográfica da Baixada Fluminense, sua história e sua gente, dando destaque às especificidades do município de Nova Iguaçu; por fim, apresento a UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ, personagem principal desse enredo, em seu aspecto físico, funcional e humano. A caracterização do contexto de pesquisa (em suas três dimensões) orienta-se pelo que Geertz (1989) intitula *descrição densa e microscópica*, considerando-se a importância do olhar atento do pesquisador para a interpretação dos dados gerados e a conversão dos mesmos em resultados de pesquisa. Afilio-me à metodologia interpretativista de pesquisa nas Ciências Sociais, para a qual a etnografia e a observação participante são consideradas modos significativos de se produzir conhecimento sobre a vida social. Situado, também, o tipo de observação participante empreendida por mim no presente estudo. No trânsito entre a familiaridade e o estranhamento, percebo-me em um permanente estado etnográfico (Duarte & Gomes, 2008), uma vez que sou nativa do contexto em investigação e essa condição antecede, inclusive, a minha entrada oficial no campo de pesquisa.

A discussão dos dados orais gerados em situação de entrevista com alunos da UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ é apresentada no capítulo 5 do presente texto. Foram selecionados vinte e três fragmentos de entrevistas, os quais foram denominados por mim como *cenar* com o intuito de tornar relevante a compreensão de que as narrativas são performances, sendo analisadas, portanto, para além de seu conteúdo referencial (Bauman, 1986). Apropriei-me da metáfora da passagem para agrupar essas vinte e três cenas em cinco eixos temáticos

relacionados à vivência desses alunos com relação à UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ, a saber: a) a chegada; b) a origem; c) o (per)curso; d) a mudança; e) o destino. Nas chamadas *narrativas de chegada*, os alunos remontam os passos que antecederam sua entrada na instituição e reconstróem as situações vivenciadas durante o processo seletivo discente. As *narrativas de origem* focalizam valores fundacionais construídos discursivamente pelos alunos, tais como a família, o trabalho e a religião, além da própria imagem da região sócio-geográfica da Baixada Fluminense. Já as *narrativas de (per)curso* trazem à tona a performance das dificuldades vividas pelos alunos da instituição, buscando discutir em que sentido as noções de esforço, sacrifício, exaustão e superação de obstáculos estão intimamente ligadas ao *ethos* de valorização da educação como meio de ascensão social. As *narrativas de mudança* discutem o notório valor atribuído pelos alunos entrevistados à dimensão da mudança em suas vidas a partir do seu ingresso no CEFET/RJ e como tal dimensão costuma ser caracterizada como algo positivo, frequentemente associado às noções de responsabilidade, amadurecimento e aprendizagem. As *narrativas de destino* encerram a seção de análise de dados, buscando apresentar o modo como os alunos constroem discursivamente seus projetos e percursos futuros não mais na condição de alunos da instituição.

Considero que as narrativas aqui analisadas contribuem para a compreensão dos valores e crenças moralmente reconhecidos como válidos nessa instituição em particular, bem como na região geográfica em que está situada (no caso, a Baixada Fluminense). Reconheço, nessas narrativas, a coexistência de dois *ethos* particulares: a) de um lado, um *ethos* marcado por processos de individualização e auto-afirmação, propiciados, em especial, pelo investimento na educação escolarizada; b) de outro, um *ethos* de solidariedade local, tipicamente associado às classes populares. Os dados da minha pesquisa parecem dimensionar a UnED de Nova Iguaçu do CEFET/RJ como uma espécie de microcosmo dos anseios dos sujeitos sociais da Baixada Fluminense, bem como das ambiguidades e transformações vivenciadas pela região em tempos mais recentes.

No item 6, teço as considerações finais, procurando juntar os fios dessa trama investigativa e traçar os próximos passos dessa jornada, à luz da reflexão aqui investida. Juntamente com os comentários críticos a respeito do estudo desenvolvido, apresentarei os caminhos que ainda podem ser percorridos, em termos de pesquisas futuras, no sentido de preencher os poros desse tecido

investigativo. Ressalto, aliás, que o presente trabalho não almeja alcançar um sentido de completude, de fim definitivo, e considero que a linha de chegada desse percurso investigativo talvez não exista, tendo em vista que toda pesquisa sobre a vida social está sujeita a ressignificações, releituras, tensões e embates.

Creio que ainda haja espaço para uma última palavra nesse capítulo introdutório. Iniciei o presente estudo estabelecendo um diálogo com as crenças moralmente valorizadas no âmbito da minha família, tomando como principal referência a figura de minha avó. Como já dito, suas narrativas e ensinamentos fundaram, de forma emblemática, muito do que sou (ou de como me apresento, em termos de performance). Sou filha de migrantes nordestinos e nortistas que, buscando melhores condições de vida no utópico Rio de Janeiro, estabelecem residência na Baixada Fluminense. Nasci (e, há até bem pouco tempo, ainda residia) em São João de Meriti, município limítrofe ao Rio de Janeiro, tão perto em termos geográficos, porém imensamente distante em termos simbólicos. Desde a mais tenra idade, ouvia de meus pais, avós e tios que era importante estudar, pois só assim conseguiria “ser alguém na vida”. Via o sacrifício dos meus pais que economizavam nas compras do mês, mas jamais deixaram faltar livros e material didático, nem atrasar o pagamento das mensalidades escolares. Hoje, sou professora da rede federal de ensino (considerado por muitos uma espécie de “auge” na carreira do magistério) e encontro-me em vias de concluir meu curso de doutorado (talvez um “auge” na vida acadêmica). Minha história de vida é, assim, uma trajetória de ascensão social via educação. Talvez minha avó, nordestina e analfabeta, não imaginasse, nem em seus mais belos sonhos, que o estudo (esse bem tão precioso do qual ela me falava) pudesse me levar tão longe, sem com isso apartar-me de minha origem social. Assim, a pesquisa que, aqui, se apresenta é, também, um pouco da minha história de vida. Pode entrar, que a casa é sua.